

GÊNERO E A DIFERENÇA QUE ELE FAZ NA PESQUISA EM PSICOLOGIA*

SANDRA AZERÊDO**

Senti um grande incômodo quando em 1965 entrei pela primeira vez num laboratório para fazer experimentos com ratos como parte de minha formação em psicologia. O incômodo se devia a um sentimento vago de que algo estava errado com este uso “científico” de animais, porém só vim a interpretar este incômodo retrospectivamente, no meu primeiro contato com a categoria gênero na Academia, anos mais tarde – em 1981 – quando viajei para Santa Cruz, na Califórnia, para fazer meu doutorado – não em Psicologia, mas num programa multidisciplinar – História da Consciência, no qual eu pretendia continuar minha pesquisa sobre “identidade sexual e social da mulher”, que eu tinha iniciado em 1978 com meu grupo de reflexão no Brasil.¹ No seminário introdutório, coordenado por Donna Haraway e James Clifford, entrei em contato com a noção de gênero ao discutirmos não a “identidade da mulher” enquanto um dado que eu tinha vindo estudar, mas o próprio processo de manufatura da mulher, do animal e da natureza como objetos de estudo das ciências. Aí aprendi que forma e conteúdo estão inextricavelmente relacionados e que seria preciso prestar atenção ao lugar que eu ocupava ao fazer minhas pesquisas, pois este lugar determinava o conhecimento que eu estava produzindo, o que Haraway chamaria mais tarde “saberes situados”.² Aprender que a forma era também conteúdo me deu um sentimento de liberdade, um sentimento tão bom de ser agente, responsável pela minha prática, que imaginei que meu incômodo no laboratório de psicologia devia ter a ver com a falta deste sentimento.

Logo de início também ficou claro que gênero, um conceito central para a pesquisa feminista, não se restringia ao estudo da “identidade sexual da mulher”, mas era preciso levar em conta outras identidades que dividiam as

* Recebido para publicação em agosto de 1998.

** Universidade Federal de Belo Horizonte.

¹ Esta pesquisa foi publicada em Grupo Ceres, *Espelho de Vênus: Identidade social e sexual da mulher*. São Paulo, Brasiliense, 1981. No livro não aparece ainda gênero como uma categoria de análise e sim a sexualidade, que é considerada “na mais ampla abrangência do conceito”, incluindo “o fato biológico da diferença sexual anatômica; o aspecto fisiológico do funcionamento do aparelho genital; a posição psicológica que se traduz por manifestações do inconsciente, e o desempenho de papéis sexuais socialmente definidos – todas estas dimensões atualizadas no discurso da cultura”. Id.,ib., p.308.

² Ver HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. In: *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. London, Free Association Books, 1991, cap. 9. Publicado pela primeira vez em *Feminist Studies*, 14(3), 1988; e em *Cadernos Pagu* (5), 1995. (Trad. Mariza Corrêa) Mariza Corrêa foi quem realmente me introduziu aos estudos de gênero, em 1971, em Ann Arbor, Michigan, uma introdução que se deu inteiramente fora dos muros da Academia.

mulheres em termos de raça e classe. Falar em mulher no singular, como no título do nosso livro, tornou-se absolutamente impossível, especialmente depois de meus dois primeiros seminários sobre teoria feminista o primeiro coordenado por Rayna Reiter e o outro por Haraway. Nestes seminários tive como colegas Gloria Watkins, Lata Mani, e Chela Sandoval, em cujos trabalhos havia uma séria crítica à teoria feminista ocidental, que durante muito tempo vinha se baseando numa categoria universal de mulher e no sonho de uma linguagem comum entre as mulheres. Dois livros importantes com esta crítica tinham acabado de ser publicados: *This Bridge Called My Back*, organizado pelas chicanas Cherié Moraga e Gloria Anzaldúa, com ensaios, poemas, contos e depoimentos de “*women of color*”³, e o primeiro livro de Gloria Watkins (que usa o nome de sua avó bell hooks quando escreve) sobre mulheres negras e feminismo.⁴ Além disso, Sandoval tinha escrito um relatório de sua participação na Conferência da NWSA, em que discute feminismo e racismo.⁵

Assim, para estudar gênero a diferença se impôs, questionando o próprio conceito de identidade como algo unitário, essencial e estável e aproximando a teoria feminista da área de Estudos Culturais e de grupos que criticam o discurso colonial – os chamados “estudos pós-coloniais” ou “estudos subalternos”. A posição de intelectuais desses grupos é complicada já que somos colonizados/as, mas usufruímos de uma série de privilégios do colonizador, sobretudo o acesso à educação. Nos situamos na fronteira/*borderland*, como diz Gloria Anzaldúa. Numa imaginada conversa com Haraway, Maria Cecília MacDowel dos Santos, brasileira que fez seu doutorado em Berkeley, refletiu recentemente sobre esta complicada posição e sobre nossa responsabilidade em trabalhar por mudanças que possibilitem “a democratização do conhecimento científico e feminista”.⁶ Nos trabalhos de James Clifford e Marilyn Strathern há uma importante discussão sobre etnografia e sua relação com a produção feminista acadêmica e as relações de poder envolvidas aí.⁷ bell hooks tem dedicado grande parte de seu trabalho no sentido de pensar nas formas de trazer a produção feminista mais perto das mulheres que estão fora da Academia.⁸

³ Não há em português um termo que traduza exatamente o sentido de “*women of color*”, pois o nome é uma construção política para localizar posições marcadas por gênero, raça e classe nos Estados Unidos. Segundo Haraway, “*women of color*” designa uma “espécie de identidade pós-moderna”, construída “a partir da alteridade, diferença e especificidade”. Ver HARAWAY, D. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in Late Twentieth Century. In: *Simians, Cyborgs, and Women*. Op.cit., cap. 8, p.155.

⁴ MORAGA, Cherié e ANZALDÚA, Gloria. (eds.) *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*. Watertown, Massachusetts, Persephone Press; e hooks, bell. *Ain't I a Woman? black women and feminism*. Boston, South End Press, 1981.

⁵ SANDOVAL, Chela. *Feminism and Racism: a Report on the 1981 National Women's Studies Association*. Oakland, CA, The Center for Third World Organizing, 1982. O trabalho é novamente publicado em ANZALDÚA, Gloria. (org.) *Making Face, Making Soul/HACIENDO CARAS: Creative and Critical Perspectives by Feminists of Color*. San Francisco, Aunt Lute Books, 1990, pp.55-71.

⁶ MACDOWEL DOS SANTOS, Maria Cecília. Quem pode falar, onde e como? Uma conversa “não-inocente” com Donna Haraway. *Cadernos Pagu* (5), 1995, p.71.

⁷ Ver CLIFFORD, James. Introduction: Partial Truths. In: CLIFFORD, J. e Marcus, G. (eds.) *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1986, pp.1-26; e STRATHERN, Marilyn. Dislodging a world view: challenge and counter-challenge in the relationships between feminism and anthropology. *Australian Feminist Studies*, 1985, pp.1-25.

⁸ Ver especialmente seu “Intelectuais negras”. *Revista Estudos Feministas*, vol. 3, nº 2, 1995, pp.464-478. (Trad. Marcos Santarrita).

Por outro lado, Lata Mani, em artigo que estuda os discursos sobre *sati* na Índia⁹, propõe a noção de hibridismo como um “momento de possibilidade de uma política coletiva atenta à diferença e à contradição”.¹⁰ A noção de agência/autonomia é fundamental para quem ocupa esta posição, na medida em que, como argumenta Mani, “as pessoas do Terceiro Mundo são consistentemente representadas nos discursos eurocêntricos como não sendo capazes de serem agentes”.¹¹ Gayatri Spivak discute também a questão da autonomia das pessoas subalternas num artigo em que se pergunta se essas pessoas podem realmente falar.¹² No Brasil, Sueli Carneiro e Diva Moreira têm produzido um trabalho fundamental de luta contra o racismo, considerando a interseção entre raça, classe e gênero. Em recente artigo, Carneiro mostra como “[o] estupro colonial da mulher negra pelo homem branco no passado, e a miscigenação daí decorrente, criaram as bases para a fundação do mito da cordialidade e democracia racial brasileira”.¹³ Enfrentar este mito tem representado um constante desafio no nosso esforço de considerar raça como uma categoria fundamental no trabalho de construção de teorias feministas no Brasil. Num estudo comparativo do racismo aqui e nos Estados Unidos, Moreira mostra como aqui “não apenas o racismo mas a mera classificação com base em raça e etnia é tabú”.¹⁴ Um mito de cordialidade paradoxalmente fundado na mais absurda violência perpetrada contra escravos e indígenas no período colonial é deveras difícil de ser confrontado, como mostra João Ubaldo Ribeiro em seu belo romance *Viva o Povo Brasileiro*.¹⁵ Porém pode-se perceber um esforço no sentido de enfrentar este mito em duas recentes publicações: o número especial de *Cadernos Pagu* sobre raça e gênero¹⁶ e o dossiê “mulheres negras” na Revista *Estudos Feministas*.¹⁷ Na primeira é publicado o debate organizado por Sueli Kofes sobre a revista *Raça Brasil*, e, em seu artigo para o debate, ela mostra como as relações raciais no Brasil são “um assunto ainda pleno de ambigüidades, seja na terminologia, no caso, pessoas de cor, seja pelo sussurro da referência”.¹⁸ É esta mesma ambigüidade que tenho sentido nos sujeitos de minha pesquisa quando peço que falem

⁹ MANI, Lata. Multiple Mediations: feminist scholarship in the age of multinational reception. *Inscriptions* (5), 1989. *Inscriptions* é uma revista publicada ocasionalmente pelo Group for the Critical Study of Colonial Discourse e pelo Center for Cultural Studies, da Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Este é um número especial que trata das “teorias viajantes e teóricas viajantes” (*traveling theories e traveling theorists*).

¹⁰ Id., ib., pp.12-13.

¹¹ Id., ib., p.21.

¹² SPIVAK, Gayatri. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, C. and GROSSBERG, L. (eds.) *Marxism and the Interpretation of Culture*. Ithaca, University of Illinois, 1988, pp.271-313. Ver também seu *Outside in the Teaching Machine*. New York and London, 1993. Recentemente, a revista *Novos Estudos CEBRAP* publicou vários artigos sobre este tema num dossiê “Visões da Globalização”, com apresentação de Teresa Caldeira (nº 49, novembro de 1997). Teresa Caldeira foi minha colega num seminário sobre “Cultural Descriptions”, coordenado conjuntamente por James Clifford e Paul Rabinow, em 1985 nos *campi* da Universidade da Califórnia em Santa Cruz e Berkeley.

¹³ Carneiro, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. *Revista Estudos Feministas*, Ano 3, 2º semestre de 1995, p.544.

¹⁴ MOREIRA, Diva, Racismo no Brasil e nos Estados Unidos: Duas Experiências de um mesmo Povo. *mimeo*, 1997, p.2.

¹⁵ RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

¹⁶ *Cadernos Pagu* (6-7), Campinas, Unicamp, 1996.

¹⁷ *Revista Estudos Feministas*, vol.3, nº 2, 1995.

¹⁸ *Cadernos Pagu* (6-7), op.cit., pp.297-298.

Gênero e a diferença...

sobre raça. É um susto mesmo que eles sentem e que os fazem responder com sussurros.

Se em Santa Cruz aprendi que gênero não se restringia ao estudo da identidade sexual, aprendi também que esta categoria tampouco equivalia ao estudo da sexualidade. Para isto foi importante o trabalho de Gayle Rubin, especialmente o que ela desenvolveu depois de seu texto fundamental para o estudo de gênero, publicado em 1975¹⁹, em que ela introduz o conceito de “sistema de sexo/gênero” para descrever “o locus da opressão de mulheres [e] de minorias sexuais”²⁰, e nos fala de seu sonho de uma “sociedade andrógina e sem gênero (embora não sem sexo)”²¹. Em 1982 Gayle Rubin e Pat Califia foram convidadas para um *potluck* do nosso seminário para conversarem conosco sobre suas experiências de lésbicas sadomasoquistas. Em seu artigo para a coletânea organizada por SAMOIS, “uma organização lésbica-feminista S/M”²², Rubin argumenta que

o que é excitante é que sexo – não apenas gênero, não apenas homossexualidade – foi finalmente colocado como uma questão política... Os fora-da-lei sexuais (*sexual outlaws*) – *boy-lovers*, sadomasoquistas, prostitutas, transsexuais (*trans-people*) – têm uma percepção aguda das hierarquias sexuais na sociedade e como elas funcionam.²³

No seminário, lemos também artigos de uma outra coletânea, organizada por um grupo de lésbicas feministas radicais, que criticavam a prática do sadomasoquismo proposta por SAMOIS.²⁴ Em um artigo publicado numa outra coletânea em 1984, Rubin vai desenvolver melhor uma “teoria da política da sexualidade”²⁵. É aí que ela revê sua perspectiva em “Traffic in Women”, argumentando ser “essencial separar gênero e sexualidade analiticamente para refletir melhor sua existência social separada”²⁶. Judith Butler, que tem um artigo na coletânea contra o sadomasoquismo, num trabalho recente retoma o argumento de Rubin para propor uma relação mais complexa entre prática sexual e gênero.²⁷ O trabalho de Butler tem sido importante para pensarmos a identidade como uma categoria descritiva e normativa e, portanto, de

¹⁹ RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex. In: REITER, Rayna. (ed.) *Toward an Anthropology of Women*. New York and London, Monthly Review Press, 1975, pp.157-210.

²⁰ Id., ib., p.159.

²¹ Id., ib., p.204.

²² RUBIN, Gayle. The Leather Menace: Comments on Politics and S/M. In: SAMOIS (ed.) *Coming to Power: Writings and Graphics on Lesbian S/M*. Palo Alto, California, Up Press, 1981.

²³ Id., ib., p.224.

²⁴ LINDEN, Robin et alii. *Against Sadomasochism: a Radical Feminist Analysis*. East Palo Alto, California, Frog In The Well, 1982. Pode-se imaginar meus mesclados sentimentos de espanto, fascínio e confusão ao entrar em contato com estas pessoas e esta literatura, eu, que acabava de chegar do Brasil, onde tinha realizado um estudo sobre sexualidade feminina no qual sexualidade se resumia a práticas heterossexuais.

²⁵ RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: VANCE, Carole. (ed.) *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Boston, London, Routledge and Kegan Paul, 1985.

²⁶ Id., ib., p.308.

²⁷ BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On The Discursive Limits of "Sex"*. New York & London, Routledge, 1993, p.239.

exclusão, que não pode resumir o sentido de “mulheres”, o qual, segundo ela, deve designar “um campo indesignável de diferenças (*undesignatable field of differences*)”.²⁸ Além disso, Butler tem tentado entender a noção de agência em “um sujeito que é construído e subordinado num mesmo movimento”.²⁹ No Brasil, Mariza Corrêa vem desenvolvendo também um trabalho importante de estudo da identidade, enquanto uma categoria que se afirma através de lutas e, portanto, “construída de forma situacional e contrastiva”.³⁰ Tal como Trinh Minh-ha, Corrêa vê identidade e diferença como sendo questões interligadas.³¹ Em trabalho recente, Suely Rolnik argumentou que a “guerra dos gêneros” deveria dar lugar à “guerra aos gêneros”³², porém seu argumento se refere menos ao sonho de Rubin de uma sociedade sem gênero e mais à sua consideração da identidade como “esta unidade provisória onde nos reconhecemos”.³³

Meu trabalho tem sido definitivamente marcado por esta trajetória, a começar por minha tese, em que estudo as condições que produziram o *Espelho de Vênus*, em que sexualidade equivale à heterossexualidade e onde raça é tornada invisível, ainda que insista em aparecer, sobretudo nas relações entre patroas e empregadas, que foram objeto de minha pesquisa assim que retornei ao Brasil em 1986.³⁴ Em 1993 comecei um projeto de pesquisa com prostitutas pobres em Belo Horizonte, em que procurei compreender a prostituição como trabalho e ficar atenta à diferença que logo de início se colocou entre nós, procurando desconstruir o sonho de falarmos a mesma língua, que poderia se tornar um verdadeiro pesadelo.³⁵ Esta experiência de confrontarmos nossas diferenças tem nos ensinado muito sobre nós mesmas e sobre a prostituição, especialmente no contato com Gabriela Silva Leite, prostituta que coordena a ONG DaVida e que foi supervisora do projeto durante um ano. Gabriela se mostra muito crítica das “feministas”, justamente porque as considera como sendo “incapazes de entender a diversidade”.³⁶ O

²⁸ Id. *Contingent Foundations: Feminism and the Question of “Postmodernism”*. In: BUTLER, J. e SCOTT, J. (eds.) *Feminists Theorize the Political*. New York and London, Routledge, 1992, p.16.

²⁹ Id. *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*. Stanford, California, Stanford University Press, 1997, p.6.

³⁰ CORRÊA, Mariza. A Natureza Imaginária do Gênero na História da Antropologia. *Cadernos Pagu*, (5), 1995, p.121. A citação é de Manuela Cunha, em *Negros, estrangeiros*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

³¹ MINH-HA, Trinh. Not You/Like You: Post-Colonial Women and the Interlocking Questions of Identity and Difference. *Inscriptions*, nºs ¾, 1988.

³² ROLNIK, Suely. Guerra dos Gêneros & Guerra aos Gêneros. *Revista Estudos Feministas*, vol. 4, nº 1, 1996, pp.118-123.

³³ Id. Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: SPINK, Mary Jane. (org.) *A Cidadania em Construção: uma reflexão multidisciplinar*. São Paulo, Cortez, 1994, p.161.

³⁴ AZERÊDO, Sandra. Representations of Sexual Identity and Domestic Labor: Women’s Writings from the United States, Marocco and Brazil, University of California at Santa Cruz, PhD thesis, 1986; Relações entre Empregadas e Patroas: reflexões sobre o feminismo em países multiraciais. In: BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina Oliveira. (orgs.) *Rebeldia e Submissão: Estudos sobre condição Feminina*. São Paulo, FFC/Vértice, 1989, pp.195-220. A pesquisa foi financiada pela Fundação Ford, em convênio com a Fundação Carlos Chagas, e pelo CNPq.

³⁵ O projeto, de 3 anos de duração, foi financiado pelo Fundo de Capacitação e Desenvolvimento de Projetos da Fundação MacArthur, com apoio do CNPq, FAPEMIG e do Mestrado em Psicologia.

³⁶ LEITE, Gabriela. *Eu, Mulher da Vida*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992, p.31.

trabalho de Margareth Rago foi importante para pensar a complicada relação entre feministas e prostitutas.³⁷ O que primeiro tinha me movido para estudar a prostituição de mulheres pobres tinha sido a violência de gênero, que continua a me impressionar. Este ano iniciei um projeto de pesquisa na Delegacia de Mulheres de Belo Horizonte, tentando entender o significado da violência contra mulheres.³⁸ O trabalho de Maria Filomena Gregori tem sido importante para pensar coisas que não são ditas sobre a violência e para tentar entender também os homens. Porém, tenho começado a pensar que é preciso estudar não apenas os homens violentos, mas sobretudo os que não são violentos. É importante saber como esses homens se diferenciam em relação à violência. Outra importante contribuição de Gregori é sua preocupação em entender a diferença entre o discurso das feministas e o das mulheres que buscavam os serviços do SOS.³⁹ Assim como em minha pesquisa com prostitutas, quero estar atenta à questão da diferença, especialmente da minha situação de intelectual feminista. Os trabalhos de Heleieth Saffioti, Suely de Almeida e Márcia Camargo são também uma referência importante para meu trabalho.⁴⁰ Tenho tentado incluir a questão da diferença também em minha prática de ensino, buscando valorizar a diversidade entre as/os estudantes.⁴¹

Para escrever este artigo tive que fazer um longo percurso de volta, começando, para minha surpresa, num laboratório de ratos. Sem dúvida, eu não tinha dado conta da dificuldade que iria significar responder ao convite de Karla Bessa para fazer um balanço de como tenho usado gênero em meu trabalho. Inesperadamente, foi preciso esta volta de modo a reencontrar lugares e pessoas e escritos importantes e poder compreender e, espero, tornar compreensível, o impacto que significou começar a utilizar esta categoria de análise e como este impacto continua reverberando em minha prática de pesquisa e ensino. Só tenho a agradecer o estímulo para eu fazer este exercício de seguir algumas trilhas neste caminho.

Gênero sem dúvida tornou-se uma categoria central em meu trabalho e, certamente, usar gênero faz uma grande diferença na pesquisa em Psicologia. Para mim, na verdade, gênero significou mesmo encontrar um lugar não disciplinar na Disciplina. Apesar de muita resistência em geral dentro da Universidade e da tendência a segregar os estudos de gênero, paradoxalmente colocando obstáculos ao diálogo em torno de uma categoria que atravessa as disciplinas, acredito que é uma categoria que abre inúmeras possibilidades para a pesquisa em Ciências Humanas. Há, certamente inúmeros desafios, sendo os mais importantes a necessidade de continuarmos aprendendo a falar

³⁷ RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

³⁸ Projeto financiado pelo CNPq.

³⁹ GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo, Paz e Terra/ANPOCS, 1993.

⁴⁰ SAFFIOTI, Heleieth e ALMEIDA, Suely de. *Violência de Gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro, Revinter, 1995; ALMEIDA, Suely de. *Femicídio: algemas (in)visíveis do público-privado*. Rio de Janeiro, Revinter, 1998; CAMARGO, Márcia. *Novas Políticas Públicas de Combate à Violência*. In: *Mulher e política: Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998, pp.121-135.

⁴¹ Além de Paulo Freire e Enrique Pichón-Rivière, tenho me apoiado em Miriam Langenbach, que tem desenvolvido um trabalho com grupos no Movimento Ecológico (ver LANGENBACH, Miriam, (org) *A Rede Ecológica: um guia de educação ambiental*. Rio de Janeiro, Ministério do Meio Ambiente e Amazônia Legal/PUC-PVE, 1997) e também em bell hooks, especialmente no seu livro *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom*. New York, London, Routledge, 1994.

com as mulheres através de nossas diferenças, buscando formas de democratizar nosso conhecimento, experimentar com novas formas de expressão, sobretudo de escrita, que nos permitam “trapacear com a língua”, como sugere Roland Barthes⁴², e continuar buscando meios de lidar com as “ambigüidades e sussurros” em nossas pesquisas sobre relações raciais no Brasil. Sobretudo, acredito que a consideração da identidade como sempre remetendo à alteridade poderá nos dar alguma luzes para recusar o “pensamento único” de que nos fala Francisco de Oliveira.⁴³

Termino, portanto, com esses dois professores, cujos trabalhos considero como essenciais para o estudo de gênero por abrirem perspectivas de resistência a esta uniformidade de pensamento que ultimamente tem se abatido sobre nós aqui no Brasil.

⁴² BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo, Cultrix, 12ª. edição, 1997, p.16. (Trad. Leyla Perrone-Moisés)

⁴³ OLIVEIRA, Francisco de. *Os direitos do antivalor: A economia política da hegemonia imperfeita*. Petrópolis, Vozes, 1998, p.9.